
Novos monumentos epigrafados com escrita do Sudoeste da vertente setentrional da Serra do Caldeirão

AMÍLCAR GUERRA¹

R E S U M O Dão-se a conhecer mais dois monumentos epigrafados com a chamada escrita “tartésica”, provenientes de uma área onde estas manifestações são relativamente abundantes. O primeiro, originário de S. Martinho (S. Marcos da Serra, Silves), corresponde a uma estela notável, não apenas pelas suas dimensões, mas especialmente pela extensão do seu texto. De facto, apresenta cerca de sessenta signos identificados com bastante segurança, o que permite considerá-la uma das inscrições mais extensas em todo o *corpus* deste tipo de escrita. Para além disso, patenteia um conjunto de peculiaridades a nível da orientação dos signos e sentido de leitura que conferem a este monumento um interesse particular. O segundo, da Corte do Freixo (S. Barnabé, Almodôvar) é um pequeno fragmento de uma outra estela de que resta pouco mais que um conhecido elemento do que se considera um formulário típico destes achados.

A B S T R A C T Two more inscribed monuments with the so-called Tartessic script have been discovered from an area where these discoveries are relatively abundant. The first, from S. Martinho (S. Marcos da Serra, Silves), corresponds to an impressive stela, not only in terms of its size, but also particularly in the length of its text. In fact, it displays around 60 signs identified with reasonable certainty, which makes it one of the most extensive inscriptions in the entire corpus of this type of script. Beyond this, it exhibits a set of peculiarities from the point of view of the orientation of the signs and the direction of the text, conferring on this monument a particular interest. The second, from the Corte do Freixo (S. Barnabé, Almodôvar) is a small fragment of another stela. Of this stela remains little more than one known element, which is considered a typical formulary of these finds.

I. A estela de S. Martinho

1. Condições do achado

Num meandro da Ribeira de Odelouca, muito próximo do ponto em este curso de água conflui com a Ribeira da Azilheira, foi há alguns anos identificado pelo Dr. Rui Cortes², um monumento epigráfico a vários títulos excepcional: pelas dimensões do suporte, pela extensão do texto, por algumas peculiaridades paleográficas e, enfim, pelo conjunto de questões que levanta. A complexidade do documento recomenda que se proceda essencialmente à sua apresentação à comunidade científica, deixando para mais tarde uma discussão mais aprofundada em torno de alguns problemas que pode suscitar.

A estela foi encontrada quando se procedia a revolvimentos no subsolo da propriedade do Sr. António Calado Martins³, no lugar de S. Martinho, freguesia da S. Marcos da Serra, concelho de Silves (Fig. 1), local onde ainda actualmente (Maio de 2002) se conserva.

A área de onde provém insere-se num contexto que chama a atenção pelas suas potencialidades agrícolas, decorrentes essencialmente da associação de algumas baixas aluviais aos dois cursos de água acima referidos, constituindo ainda hoje uma zona que assume particular relevo nesse domínio. Esta circunstância resulta especialmente elucidativa das ocorrências toponímicas “Vale das Hortas”, situada nas proximidades, e “Várzea de Ourique” que traduz exemplarmente a natureza dessa zona.

Torna-se inevitável, neste contexto, uma aproximação com o que ocorre na Corte do Freixo, o sítio arqueológico mais próximo a proporcionar epígrafes com esta mesma escrita. Também aí, por entre uma paisagem acidentada, mas de extraordinária beleza, marcada pelo curso sinuoso da

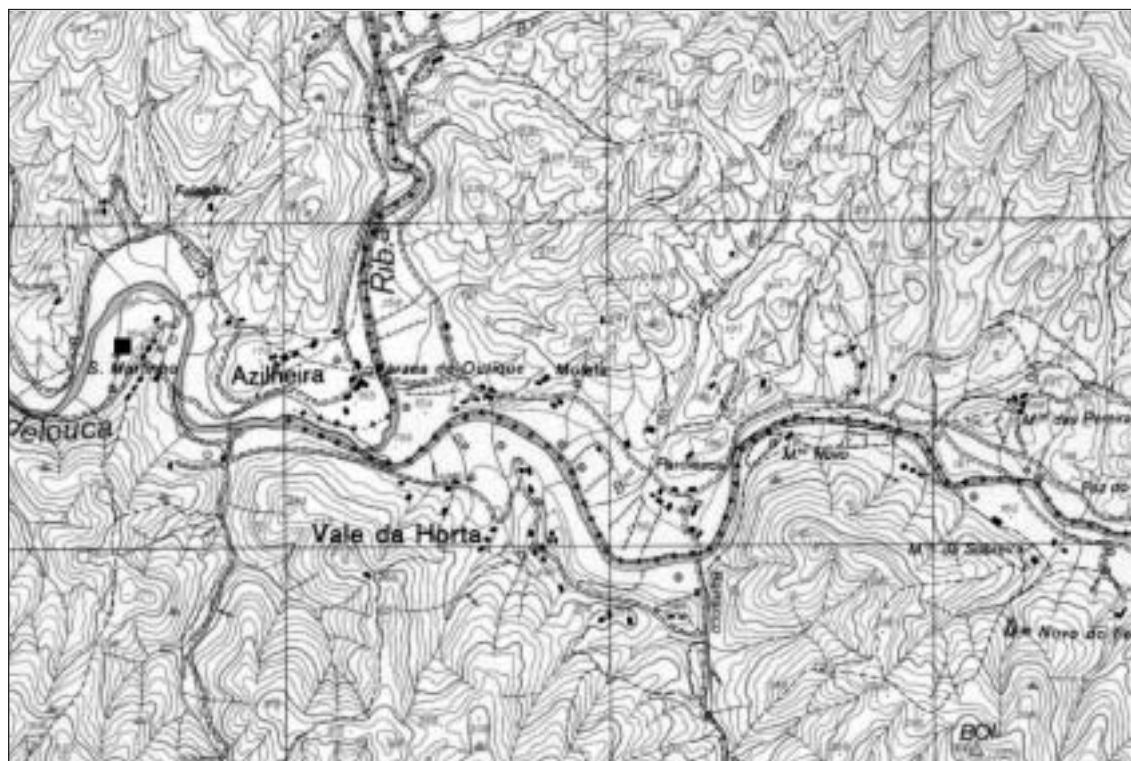


Fig. 1 Pormenor da Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha 579, com a localização do achado de S. Martinho.

Ribeira da Azilheira, se apresentam alguns solos aluviais de certa extensão, que interrompem um vale geralmente bastante cavado, por vezes mesmo de encostas quase abruptas.

Estes dois sítios — S. Martinho e Corte do Freixo — inserem-se na parte superior da bacia, relativamente extensa, da Ribeira de Odelouca, tributária do Rio Arade, fazendo, por isso, parte de uma paisagem comum aos múltiplos cursos de água que percorrem os contrafortes da Serra do Caldeirão e dela são originários. Partilham, assim, estas características com boa parte dos achados integráveis no concelho de Almodôvar, mas que se estendem igualmente a algumas localidades dos de Ourique, Loulé e Silves. Ora esta área apresenta a maior concentração de monumentos com escrita do Sudoeste, circunstância que, dada a natureza recôndita e acidentada do território, não deixa de causar alguma estranheza.

2. *Enquadramento arqueológico*

É de presumir, como geralmente se admite nestas circunstâncias, que a necrópole correspondente a este monumento se situaria no próprio lugar de achado ou nas suas proximidades imediatas. Todavia, não foi possível identificar qualquer vestígio de uma estrutura sepulcral a ele associada que se esperaria existir nesse local. Para além disso, não se encontram à superfície os eventuais vestígios do mobiliário arqueológico associados, nem o actual proprietário referiu a existência de restos materiais que pudessem indiciar a existência no local de uma estrutura arqueológica.

Atendendo às suas dimensões, não se deve excluir a possibilidade de ele se encontrar nas imediações da necrópole, ainda que algo deslocado do seu primitivo lugar de implantação. Porém, o desgaste evidente que o monumento apresenta em algumas áreas do campo epigráfico, em boa parte atribuíveis a uma fase antiga, levam a considerar mais provável que, à semelhança de muitos outros casos, o monólito tenha sido reutilizado em funções completamente distintas das originais e num espaço diferenciado.

Do mesmo modo, poderia relacionar-se este achado com um núcleo habitacional próximo, cuja existência se explicaria facilmente pelo seu enquadramento geográfico. Todavia, até ao momento, não foi possível relacioná-lo com um sítio concreto que, pela sua localização e cronologia, apresentasse uma evidente associação com o monumento em estudo, dado que não se conhece nas proximidades nenhum povoado com estas características.

Esta ausência deve-se mais a uma falta de estudos arqueológicos na área, em especial de prospecções com este fim específico, do que a outra qualquer circunstância. De facto, a existência, numa vizinhança imediata, de um estabelecimento pré-romano coevo da inscrição justifica-se plenamente pelas potencialidades agrícolas (actuais, mas certamente também antigas) da zona envolvente do achado, hipótese que a própria epígrafe permite também corroborar.

3. *O documento epigráfico*

O monumento é constituído por um bloco de xisto, certamente de origem local, de consideráveis dimensões e forma aproximadamente trapezoidal. As suas dimensões máximas são 133 cm x 95 cm e a espessura oscila entre 11 e 13 cm (Fig. 2). É provável que o seu estado actual corresponda sensivelmente ao primitivo, uma vez que a pedra apresenta apenas sinais de pequenas fracturas marginais que não parecem ter afectado a sua forma original. De resto, as



Fig. 2 Aspecto geral do monumento de S. Martinho.

não permita qualquer ilação. Por fim, junto à margem esquerda, na parte inferior, reconhece-se ainda uma série de incisões de cariz alfabético (aparente a sequência MA), cuja técnica de gravação é claramente distinta de todo o conjunto referido (v. Fig. 3). Presume-se, por isso, que corresponda a uma época diferente. É, de resto, provável que esta parte do bloco se encontrasse soterrada, na fase da sua primitiva utilização.

Uma das questões que este monumento coloca prende-se, desde logo, com o ponto onde o texto se deveria iniciar (Fig. 5). Se, como parece provável, o começo da segunda linha se situasse aproximadamente no ponto em que a primeira termina, apresentando-se assim como o seguimento dela, esta última poderia abrir com os primeiros caracteres ascendentes, após um espaço no qual não se reconhece (pelo menos actualmente) nenhum signo. Esta hipótese teria a seu favor a circunstância de a parte terminal da linha corresponder, muito provavelmente, à mais conhecida sequência registada na epigrafia do sudoeste, já interpretada como uma fórmula funerária, no caso limitada a **nark^e**.

Uma das suas singularidades mais notáveis reside na configuração geral do texto e da orientação dos signos, aspectos em que encontra paralelos muitos escassos em todo o repertório já conhecido. A sua disposição circular constitui, como se sabe, uma particularidade muito frequente, sendo mesmo o modelo de organização mais frequente nas estelas com esta escrita (Correia, 1996; Untermann, 1997, p. 141). De acordo com a natureza do bloco, esta configuração poderia assumir o aspecto de sequências rectilíneas angulosas ou desenharem uma oval contínua. Em ambos os casos se verifica uma tendência para a segunda linha descrever uma espiral que se desenvolve para o seu interior.

duas linhas direitas que definem o topo e a base do bloco correspondem a faces naturais, sendo os limites laterais ditados pela extensão do campo epigráfico. Na sua configuração é perfeitamente identificável a parte destinada a ser fixada no solo, neste caso mais estreita, e a superfície emergente, que apresenta, do lado direito, uma curvatura que acompanha os limites do texto nela gravado (Fig. 3).

Este é constituído fundamentalmente por duas linhas: uma completa, subcircular e externa; e uma outra, complementar, reduzida aparentemente a sete caracteres, no interior da primeira, sobre o lado esquerdo. Para além disso, é possível identificar ainda outros vestígios de gravações antigas, nomeadamente o de um signo (**b^o?**) por cima da segunda linha. A hipótese de se tratar de um elemento em falta que se pretenderia acrescentar, sobrescrevendo-o, levanta sérios problemas neste contexto (Fig. 4).

Outros traços que poderão remontar a este período não parecem corresponder a elementos do signário em causa, embora o carácter isolado dos vestígios conservados

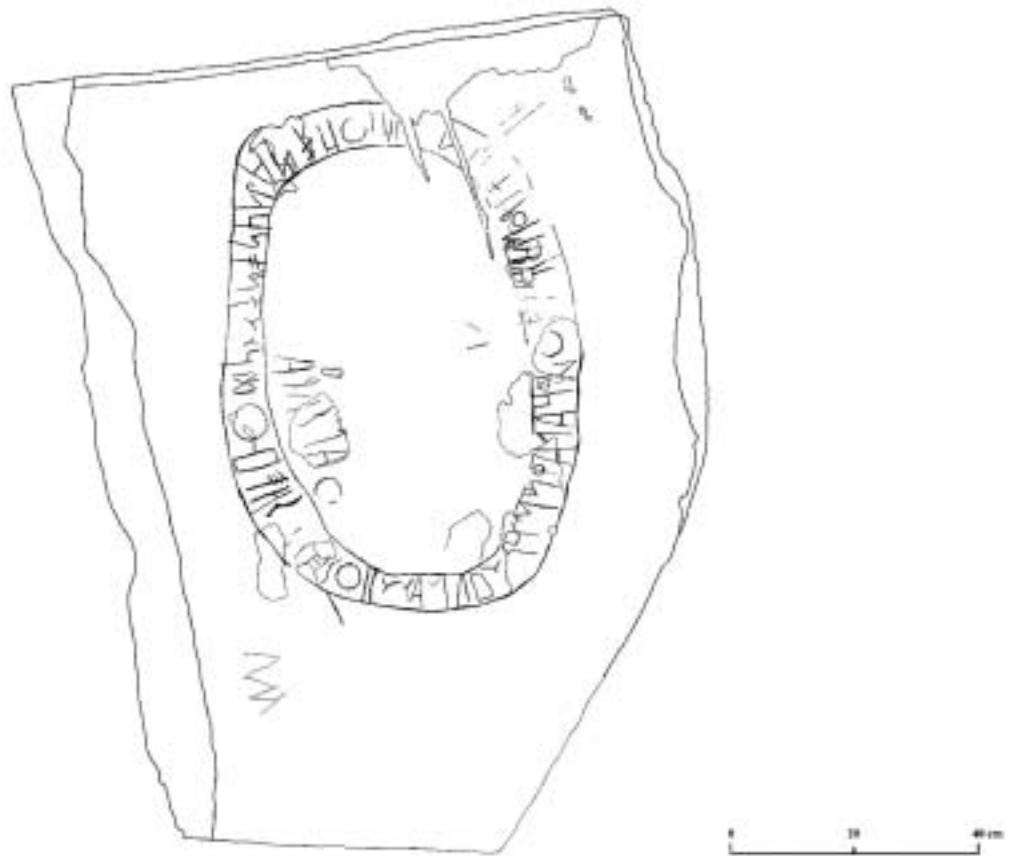


Fig. 3 Decalque da estela de S. Martinho.



Fig. 4 Pormenor da relação entre as diversas linhas da epígrafe de S. Martinho.



Fig. 5 Foto da parte superior do texto.

Neste caso concreto temos precisamente o desenho de uma oval, mas contrasta com quase todos os exemplos afins por apresentar os caracteres orientados em sentido contrário ao que é habitual. Enquanto por via da regra eles se dispõem com o topo do signo voltado para o lado exterior, como se o leitor se colocasse no centro da pedra, nesta epígrafe as extremidades superiores dos grafemas projectam-se para o interior, pressupondo que o leitor observa o texto de fora, como se descrevesse um círculo em torno do monumento.

Este modelo, todavia, pode encontrar-se em alguns raros casos, nomeadamente na inscrição J.11.3, sem dúvida o exemplo mais semelhante neste domínio particular, mas ocorre também em J.2.1 e J.1.3, casos em que o texto assume claramente uma disposição circular. Em dois outros monumentos (J.18.3 e J.20.1), os signos organizam-se em duas linhas rectas de orientação contrária, mas com a mesma particularidade quanto a posição de leitura. Por fim, em J.10.1, assiste-se à conjugação dos dois modelos: na primeira linha, constituída por três segmentos rectilíneos, os signos orientam-se para o interior e na segunda para o exterior, assemelhando-se esta última sequência com o exemplo em análise.

Se compararmos a estela de S. Martinho com as inscrições afins no que respeita à sua disposição geral (J.11.3, J.2.1 e J.1.3), verificamos que aquela é a única em que a leitura se faz da direita para a esquerda, como de resto é habitual neste signário e que outras três são precisamente alguns dos raros exemplos do inverso (Untermann, 1997, p. 142). Uma explicação para este último facto pode residir na circunstância de os textos dispostos circularmente começarem, por tradição, no canto inferior direito do campo epigráfico e seguirem em sentido ascendente, o que implicava, pela diferente orientação dos signos, uma inversão da ordem de leitura, sendo, ao contrário da regra, lidos da esquerda para a direita. Nos outros paralelos apontados respeita-se a tradição, mantendo-se o sentido de leitura habitual.

O carácter excepcional da “extroversão” (termo que utiliza para designar esta peculiaridade na disposição dos signos) foi já posto em evidência por Virgílio H. Correia (1996, p. 25-26), o qual discutiu igualmente as eventuais implicações cronológicas desta característica. Na sua opinião, esta particularidade poderia ser indiciadora de uma datação mais avançada. A discussão em torno do seu significado associa-se geralmente com uma orientação sinistrorsa, marcas que supostamente contribuiriam para situar em época tardia uma determinada inscrição. Esta perspectiva, já postulada por Luís Coelho (1976, p. 206), é questionada parcialmente por Virgílio H. Correia (1996, p. 25), por faltarem os dados que permitam confirmar esta hipótese. Aceita, todavia, que o abandono da orientação menos habitual se faça em período tardio, sem que seja possível determinar com precisão o momento em que tal ocorre (Correia, 1996, p. 26).

Encontrando-se a “extroversão” tão escassamente representada e não havendo elementos de outra natureza que permitam sustentar uma cronologia avançada para esta peculiaridade, é preferível não lhe atribuir qualquer relevância especial, pelo menos neste plano.

Por fim, esta peculiaridade do monumento de S. Martinho tem igualmente implicações a nível da interpretação do texto, nomeadamente no que diz respeito ao seu início e *terminus*, aspecto que assume uma particular relevância, mas que não é de solução linear. Ao contrário do que acontece com a maioria das inscrições afins, nomeadamente aquelas em que se patenteia uma disposição circular do texto, não é possível, no seu actual estado, identificar elementos claros que marquem inequivocamente o princípio da linha que descreve um oval completamente fechada. Por isso, deduziu-se que este se situaria aproximadamente no ponto em que se inicia igualmente a segunda linha, a qual continuaria a sequência textual da linha exterior. Neste contexto, assumiu-se que os vestígios de um traço existentes nesse lugar, pudessem mesmo corresponder a uma linha contínua com que habitualmente se definem os limites e enquadramento das sequências de signos. Esta dedução, todavia, não é absolutamente segura, sendo teoricamente admissível que o seu início ocorresse em outro ponto da sequência de caracteres que descreve uma oval.

4. O texto

Seguindo basicamente a equivalência de signos proposta por Untermann⁴ (1997, p. 153-155), o texto seria (Fig. 3):

1.

b^aast^eeb^uroionunaiot^e?e[...]i[...]o*reiar*nioeb^uualakⁱimuf^bo?anark^eeb^aa*

1 5 10 15 19 20 21 25 30 35 40 45 50

2.

eanb^aara

1 5

3.

b^o?

A transcrição impõe algumas explicações particulares, relativas aos próprios signos e ao seu valor fonético:

4 e 5; 18 e 19

Numa primeira análise, considera-se a possibilidade de uma sequência que se leria **b^oe**. Esta interpretação coloca, todavia, a velha questão da quebra do princípio da redundância que caracteriza este tipo de escrita. Ainda que ela não seja de regra na totalidade das circunstâncias, constitui um traço distintivo particular que se pode constatar na quase totalidade dos casos. Porque se verifica que ela é respeitada genericamente nesta inscrição, dever-se-á admitir uma explicação alternativa. Neste caso particular, é possível aceitar que o primeiro destes dois signos corresponderia a **t^e**, o qual, como se sabe, apresenta evidentes afinidades com o que se lê como **b^o**. Esta hipótese poderia encontrar um paralelo na inscrição J.16.1, na qual essa mesma sequência é representada de forma idêntica (Fig. 4).

14

A forma peculiar deste signo coloca algumas questões de resposta pouco evidente. Deve, à primeira vista, tratar-se de uma variante do signo de valor **n**, mas com uma especificidade cujo alcance é difícil determinar. A tomar-se esta como irrelevante, não deixa de ser estranho que todos os restantes signos de valor supostamente idêntico mantenham a forma consagrada e apenas este apresente uma novidade (Fig. 6).

38

Regista-se aqui (Fig. 7), uma vez mais, este signo, a respeito de cujo valor fonético as opiniões mais recentes não são totalmente concordantes. Todos parecem aceitar que se trata de um silabograma em que o elemento teria o valor de **-i**, facto que esta epígrafe permitiria corroborar. Todavia, Untermann não aceita a interpretação mais corrente, segundo a qual a parte consonântica corresponderia à oclusiva **k**, equivalência postulada por Correa (1996, p. 69), De Hoz (1996, p. 174), Virgílio H. Correia (1996, p. 50) e Rodríguez Ramos (2000, p. 29), que aqui se admite.

40

Subsistem consideráveis divergências sobre o valor fonético a atribuir-lhe. Enquanto Untermann, na sequência de Maluquer (1968, p. 104) postula a sua equivalência a **m**, Correa (1996, p. 69) interpreta-o como um silabograma de que se conheceria apenas a parte vocálica, correspondente a **u**. Esta última hipótese teria mais uma confirmação na epígrafe de S. Martinho, dado que o grafema subsequente é, por sinal, aquele que o princípio da redundância neste caso imporia. Rodríguez Ramos, 2000, p. 29, por sua vez, considera-o uma variante gráfica do signo a que é consensualmente atribuído o valor de **š**.

43

Este signo coloca precisamente a mesma questão que já Untermann tinha afrontado na interpretação da epígrafe J.6.2., proveniente de Alagoa. Perante o facto de se quebrar a regra da redundância, considerou a possibilidade de, em alternativa, corresponder a uma variante do signo que se faz equivaler a **𐌆^a**, afim dele. Anote-se todavia, que, para além do facto de virem seguidos de **a**, uma outra particularidade, de relevância discutível, une estes dois casos: a circunstância de o signo não desenhar um rectângulo perfeito, mas em um dos lados se esboçar com bastante nitidez uma curvatura, diferenciando-se, neste aspecto, das duas ocorrências nesta epígrafe de um grafema aparentemente igual (Fig. 7).



Fig. 6 Foto da parte inferior da inscrição.



Fig. 7 Pormenor de uma sequência da epígrafe de S. Martinho.

Ainda que a sua paleografia seja diferente da que é habitual — a variante **ke 1** de Untermann — por ser curva a haste inicial (em relação ao sentido da leitura), trata-se certamente do conhecido elemento lido como **k^e**, valor que o seu contexto confirma (Fig. 7).

A análise do monumento permite considerar a existência de algumas sequências já conhecidas:

- **na^rke** – Regista-se, de novo, o formulário mais amplamente atestado no âmbito da epigrafia “tartéssica”, numa variante, todavia, que se encontra pouco representada.
- **ba[n?]e** – A deficiente conservação do campo epigráfico não permite confirmar esta interpretação, a qual, porém, apresenta alguma viabilidade. Se esta possibilidade se confirmasse, estaríamos perante uma sequência já bem conhecida, que se documenta igualmente em J.11.1, 19.1, 20.1 e 26.1.
- **anb^aara** – com as reservas recomendadas pelos (des)conhecimentos a respeito das separações de palavras, seria possível aproximar esta sequência da que se regista em J.11.2., na qual Untermann isola **anb^aa[---]**. Esta hipótese poderia ainda ser consolidada com o facto de, verosimilmente, se ler ainda um **r**, cujos traços se observam claramente nesta inscrição do Tavilhão (Almodôvar).

II. A inscrição da Corte Freixo

Uma segunda epígrafe com escrita do Sudoeste foi identificada nas margens da Ribeira da Azilheira, um tributário da Ribeira de Odelouca. A sua descoberta, ocorrida precisamente no dia 26 de Fevereiro de 1996, deveu-se a José Carlos Adão⁵, que conserva o monumento em sua casa, no lugar do Malhão, freguesia de S. Barnabé, concelho de Almodôvar. O sítio exacto de onde provém, a Corte do Freixo (Fig. 8), tinha já proporcionado uma outra epígrafe (J.12.3) e insere-se, como a anterior, numa área serrana que revelou já um conjunto muito significativo de monumentos com este signário (Fig. 11).

O bloco de xisto que se dá a conhecer constitui apenas uma parte, aparentemente reduzida, do que seria, com boas probabilidades, uma estela funerária, ilação que decorre essencialmente do que se conhece deste tipo de manifestações epigráficas (Fig. 9). Na realidade, o que se conserva é um fragmento de um bloco de xisto da região, com 48 cm de comprimento, 19 cm de largura e 8,5 cm de espessura. Apresenta uma das faces planas, correspondente a um dos limites do monumento original, o qual determina o alinhamento da escrita, que se desenvolve paralelamente a ele e, como é habitual, em posição extrovertida. Não é possível, nas actuais circunstâncias, determinar a forma do monumento original, embora seja provável que se trate de um fragmento de uma estela de consideráveis dimensões. A disposição do texto na parte conservada a permite concluir que este descreveria uma oval, pois as linhas paralelas que enquadram os signos começam a descrever, num dos lados do bloco conservado, uma linha curva que assinalaria um dos topos do campo epigráfico (Fig. 10).

Os caracteres, de uma forma geral gravados com uma certa profundidade, o que os torna perfeitamente visíveis, encontram-se parcialmente afectados pelo desgaste que o campo epigráfico sofreu ao longo do tempo, em especial na área que corresponde ao início do texto conservado, onde são evidentes os vestígios de um acentuado desgaste motivado pela actividade agrícola.

Com as limitações decorrentes deste facto, é possível ler:

[...] **na^rke uu*** [...]



Fig. 8 Pormenor da Carta Militar Portuguesa 1:25 000, folha 571, com a localização do achado da Corte do Freixo.



Fig. 9 Foto do monumento da Corte do Freixo.

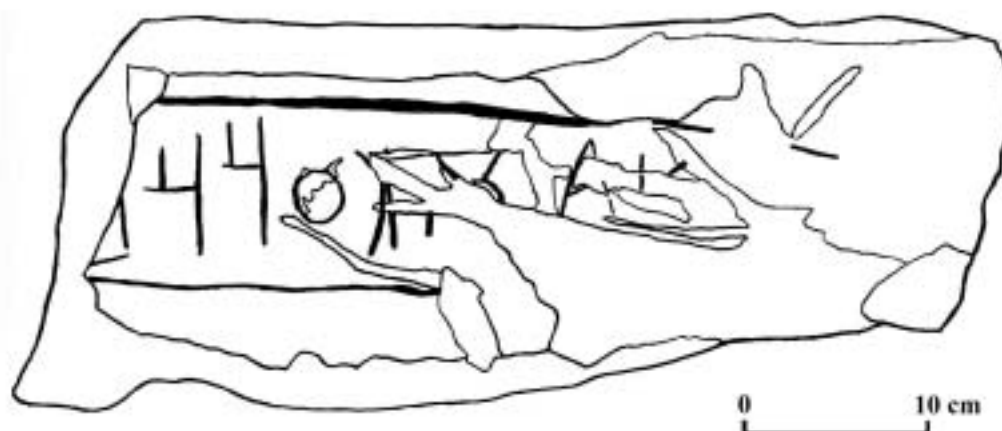


Fig. 10 Decalque da estela da Corte do Freixo.

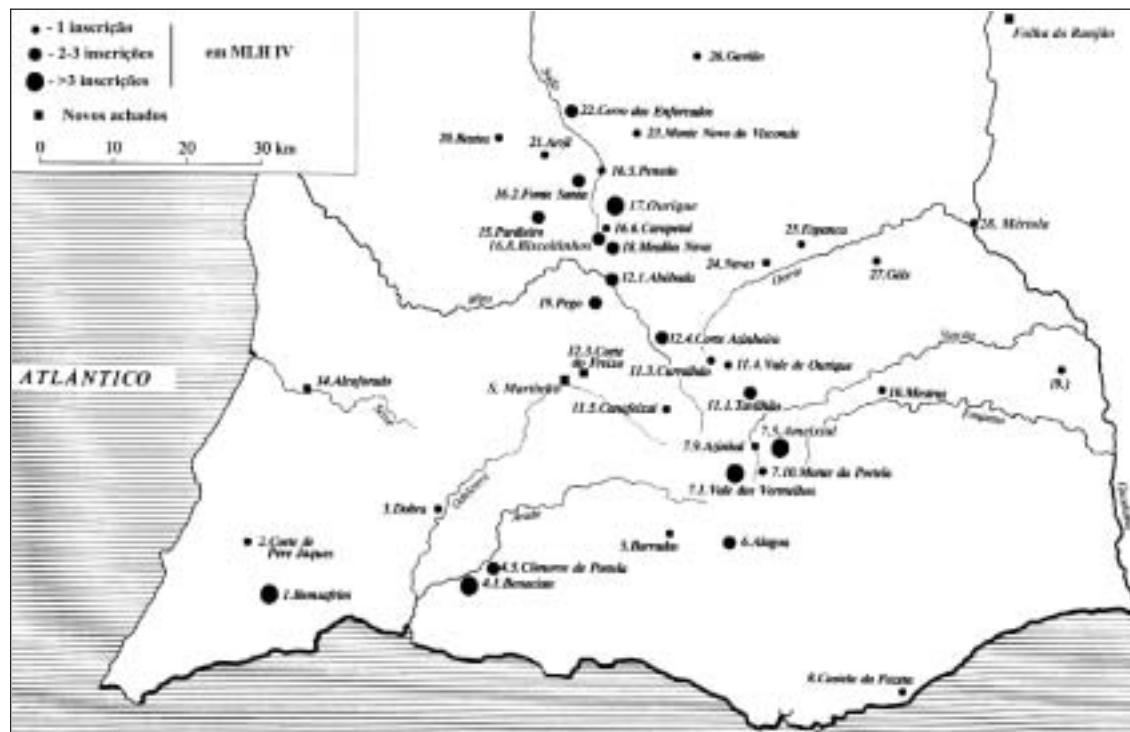


Fig. 11 Mapa de distribuição dos achados epigráficos afins do território português.

Regista-se, uma vez mais, o elemento do formulário identificado na inscrição de S. Martinho, precisamente sob a mesma variante. Estas ocorrências vêm juntar-se a idênticas atestações em J.7.8 e J.27.1, às quais haverá eventualmente que acrescentar J.1.1, na qual é verosímil restituir **naŕ[k^e]e** (Untermann 1997, p. 159). Após o duplo **u**, subsequente a este bem conhecido elemento, é possível que se tenha grafado o signo **b^o**, do qual se conservam apenas alguns traços, mas que me parecem responder bem às suas características paleográficas.

Em síntese, as duas epígrafes que agora se dão a conhecer, constituem, na globalidade, o mais importante contributo no domínio da epigrafia do Sudoeste, após a publicação da grande obra de síntese sobre o tema (Untermann, 1997). A existência de uma delas (a de Corte do Freixo) tinha sido já assinalada, a par de um achado da região de Aljustrel, ainda inédito (Faria e Soares, 1998, p. 156).

No essencial, estes novos contributos permitem sublinhar a tendência para uma concentração particular deste tipo de monumentos em determinadas áreas, ainda que a sua distribuição genérica abarque um território muito amplo (Fig. 11). De facto, por razões que não se explicam facilmente, as áreas das diversas bacias hidrográficas que irradiam da Serra do Caldeirão, com especial relevo para o do rio Mira, têm proporcionado um conjunto notável de inscrições. A característica de evidente interioridade desta escrita

Deste modo, fica mais rico o repertório, esperando-se que este facto constitua um elemento essencial para uma discussão cada vez mais fundamentada dos muitos problemas que envolvem este complexo domínio da epigrafia pré-latina.

NOTAS

- ¹ Faculdade de Letras
1600-214 Lisboa
amilcarguerra@mail.doc.fl.ul.pt.
- ² O seu profundo conhecimento da região e sua permanente atenção às realidades locais permitiram-lhe identificar o monumento, tendo, além disso contribuído decisivamente para que se conservasse nas mãos do seu proprietário, evitando-se a sua perda irreparável. A ele devo um agradecimento, não apenas pela informação sobre o seu achado, como por todo o empenho na sua divulgação, que se materializa nesta primeira notícia.
- ³ Consciente do valor do monumento, o Sr. António Calado Martins facilitou o acesso à epígrafe e mostrou sempre a maior compreensão para com aqueles que manifestaram por ela interesse científico, factos que aqui se registam e agradecem.
- ⁴ Uma vez que a investigação ainda se encontra longe de um consenso a respeito do valor fonético do signário do Sudoeste, pareceu preferível adoptar essencialmente uma das propostas — neste caso o trabalho normativo que constitui simultaneamente o mais recente e exaustivo repertório — justificando-se pontualmente as eventuais discrepâncias em relação a ela.
- ⁵ Agradeço ao José Carlos, que se tornou, em consequência deste achado, um empenhado estudioso da escrita do Sudoeste, as informações a respeito das circunstâncias da sua descoberta, a disponibilidade para me acompanhar nas visitas ao local e todas as facilidades de acesso ao monumento que permitem e justificam esta primeira publicação.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO, L. (1976) - Epigrafia prelatina del S. O. peninsular portugués. *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 1974)*. Salamanca: Universidad, p. 201-211.
- CORREA, J. A. (1996) - Epigrafía del Sudoeste: Estado de la cuestión. *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 65-75.
- CORREIA, V. H. (1996) - *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Ed. Ethnos.
- DE HOZ, J. (1996) - El origen de las escrituras paleohispánicas quince años después. *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 1994)*, Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 171-206
- FARIA, A. M. de; SOARES, A. M. M. (1998) - Uma inscrição com caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (Baleizão, Beja). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 153-160.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1968) - *Epigrafia prelatina de la Península Ibérica*. Barcelona: Universidad.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - La lectura de las inscripciones sudlusitano-tartesias. *Farentia*. Barcelona. 22:1, p. 21-48.
- UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum, Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag (=MLH)

